



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Repercussões do Relacionamento Conjugal na Coparentalidade em Famílias Intactas
Autor	ALLANA GESSIELE MELLO-SILVA
Orientador	CLARISSE MOSMANN
Instituição	UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Nas famílias, com o nascimento dos filhos é preciso que se inicie uma nova estruturação, uma vez que este casal terá de assumir os novos papéis que surgirão, constituindo-se a relação coparental. Esta é definida teoricamente como a união de dois adultos que trabalham juntos para o desenvolvimento de uma criança, pela qual ambos são responsáveis. Para todas as famílias estas modificações se configuram como uma crise do ciclo vital, a qual exige adaptabilidade para fazer frente a estes novos desafios. Neste processo algumas delas apresentam mais dificuldades em adaptar-se ao novo funcionamento, podendo resultar em menores níveis de saúde familiar. As pesquisas indicam que a coparentalidade, em famílias intactas, é interdependente de outros subsistemas familiares, mais concretamente do subsistema conjugal e parental, sendo a dinâmica interacional entre os mesmos essenciais para as trajetórias adaptativas dos filhos. Estudos atuais mostram que a qualidade da relação coparental de um casal é, até certo ponto, previsível de acordo com a personalidade dos parceiros e características do relacionamento conjugal, mesmo antes do nascimento dos filhos, isto aponta a necessidade de uma maior compreensão das relações existentes entre a conjugalidade e a coparentalidade visando obter subsídios de prevenção a futuras dificuldades no âmbito familiar. Entretanto, devido a complexidade destas interações estes fenômenos ainda não foram suficientemente explicados. Devido a isso, esta pesquisa teve por objetivo analisar as possíveis relações entre conjugalidade e a coparentalidade em famílias intactas. Realizou-se um estudo descritivo de caráter quantitativo e transversal, com 200 sujeitos (100 homens e 100 mulheres), com idade média de 41,81 anos (DP= 7,82), residentes no estado do Rio Grande do Sul. Dentre os sujeitos, 81,5% são casados oficialmente e 18% estão em união estável, e o tempo médio de casamento é de 18,26 anos (DP=6,68). 91,5% dos casais possuem entre um e dois filhos. Os participantes foram selecionados pelo critério de conveniência e responderam individualmente os questionários na presença do bolsista de iniciação científica. O instrumento utilizado constituiu-se de um questionário sobre dados sócio-demográficos; Escala de Ajustamento Diádico - DAS e Escala de Relação Coparental - ERC. A análise descritiva dos dados apontou que, 32,9% dos sujeitos possuem um relacionamento com baixos níveis de ajustamento conjugal, e 67,1% estão em um relacionamento com altos níveis de ajustamento conjugal. Para a análise das relações, realizou-se o teste ANOVA, o qual indicou que na medida geral das tarefas coparentais, há diferença significativa ($p=0,000$) entre casais com maior nível de ajustamento conjugal ($m=128,58$; $dp=11,36$) e menor nível de ajustamento conjugal ($m=115,79$; $dp=14,23$). Quando analisou-se cada dimensão da escala ERC separadamente, constatou-se que há diferença significativa nas seguintes dimensões, casais com menor nível de ajustamento conjugal apresentam uma média maior na exposição do filho ao conflito coparental ($p=0,000$; $m=5,41$; $dp=4,89$) e competição coparental ($p=0,003$; $m=6,90$; $dp=6,50$). E, os casais com maior nível de ajustamento conjugal, apresentam média maior em relação ao suporte coparental ($p=0,000$; $m=31,07$; $dp=4,62$); proximidade coparental ($p=0,000$; $m=25,88$; $dp=3,89$); acordo coparental ($p=0,000$; $m=19,45$; $dp=4,64$) e aprovação coparental ($p=0,000$; $m=32,40$; $dp=4,50$). Os resultados obtidos através deste estudo mostram que casais com maior nível de ajustamento conjugal apresentam maior adaptabilidade quanto às dimensões da coparentalidade, pois estes apresentam médias maiores em relação às dimensões positivas do comportamento coparental, conforme descrito acima. Os dados sustentam uma relação positiva entre a qualidade conjugal e a coparentalidade em famílias intactas. Estas interações, embora ainda necessitem de mais estudos, endereçam importantes agendas para a saúde mental familiar ao focar a qualidade do relacionamento conjugal como fundamental para o funcionamento familiar, já que se expressa na coparentalidade, a qual têm repercussões comprovadas no desenvolvimento dos filhos. Desta forma é fundamental que seja enfocada como fator de proteção para o funcionamento familiar.